



Questão nº 1 - Planejamento 8º Ano (3 aulas duplas)

Tema: Currículo e diversidade cultural: oralidade e escrita. (Público-alvo: 8º Ano EFII)

~~Rede~~

1ª Aula: dupla:

• Contextualização do tema:

- Apresentar canções do Patativa de Assaré: primeiramente, apenas o áudio, em seguida, distribuir a letra, escrita.

- Conversar sobre as canções em grupo com monitoramento da professora que elencará três tópicos de discussão:

1. Tema das canções
2. Estilo das canções
3. Escrita das canções

- Concluir esta etapa sobre a ética da licença poética, do propósito comunicativo e da eficácia na transmissão das mensagens.

• Introdução do conteúdo

- A partir da análise das canções, feita oralmente para contextualizar o tema, propor um quadro em que eles preencham sobre as principais diferenças entre fala e escrita:

Fala	ESCRITA
Simple; informal; concreta; natural; espontânea; flexível ao contexto; livre.	Complexa; arbitrária; artificial formal; abstrata; pura a regras; gramaticalmente correta; norma

- Com base nas informações obtidas apresentar as diferenças entre: fala planejada; fala não-planejada; escrita planejada e escrita não-planejada. Dar exemplos.

- Apresentar exemplos e conteúdos no quadro sobre os registros de linguagem (formal e informal) e os níveis (coloquial; vulgar; culto e erudito).



Fixação do conteúdo:

- Com base na matéria ensinada até o momento por 3 exercícios de análise e interpretação de texto com foco na linguagem utilizada por personagens de Histórias em Quadrinhos: nº 1) Chico Bento; nº 2) Cebolinha e nº 3) Malalida

- Comparar as falas dos personagens; concluir a atividade e encerrar a aula com foco nos níveis de linguagem.

2ª Aula dupla:

o Retrospectiva do conteúdo dado na aula anterior:

"Fala e escrita não se esgotam na representação de ~~(grafia)~~ grafia e som" (MARCUSCHI, 1993:4)

"A escrita é o simbolismo visual da fala" (SAPIR, 1921:19)

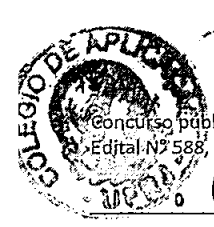
"A escrita decore da fala" (Mattoso Câmara, 1968:11)

OBS: As citações assumirão um papel na mente do professor que não apresentará os teóricos para os alunos do 8º ano, mas com base neles, fará a reflexão sobre o conteúdo, trazendo também o posicionamento da gramática sobre as diferenças entre oralidade e escrita.

"Os gramáticos imaginam a fala como o lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática ~~da~~ codificada." (MARCUSCHI, 1993:4).

- Aula expositiva, trazendo oralmente reflexões sobre o tema Oralidade e escrita.

- Falar que sociólogos, antropólogos, educadores, psicólogos e linguistas têm se dedicado sobre o assunto.



Apresentação no quadro da matéria:

Linguagem

A língua não é uniforme, pois há diferentes formas de se registrar essa linguagem. Com gestos, expressões faciais, imagens, falando ou escrevendo. A linguagem é o conjunto complexo de empregos concretos de uma língua. A preocupação é com a compreensão da mensagem, efetivando o processo de comunicação.

Logo, a língua pode ser falada ou escrita; verbal ou não-verbal; formal ou informal.

Variações Linguísticas

A língua oral pode sofrer variações conforme a época (variação histórica - cinematógrafo > cinema > cine) ou conforme a região (variação geográfica - aimpim > mandiaca > macaxeira) ou de acordo com o status/grupos sociais (menina > mina > filé).

• Exercícios de fixação:

- Com base nos diferentes tipos de linguagem, reconhecer (circulando ou sublinhando) expressões típicas da linguagem oral presentes no texto escrito do jornal:

- Entregar cópias de 3 jornais diferentes que apresentem a mesma notícia (MEIA HORA, O DIA, EXPRESSO)

- Corrigir e explicar que esses jornais costumam adequar a linguagem ao público-alvo.

- Finalizar a aula, tratando de comunicação e adequação da linguagem.

3ª Aula dupla:

"O texto escrito não é mais o soberano" (MARCUSCHI, 1993:4)

→ Revisão do conteúdo da aula passada:

- Falar sobre como os jornais adequam a linguagem ao público-alvo e ao meio em que circulam.
- Identificar, oralmente, as diferenças entre o jornal escrito e o jornal falado
- Mostrar as diferenças entre fala e escrita de acordo com as situações comunicativas com exemplos como:

"não se usa terno na praia nem se vai de biquini ao tribunal"

Geralmente, "não se fala com a mãe - Prezada progenitora por obsequio gostar-me-ia de degustar o desjejum"

"não se fala com o diretor da escola - Já é, tio!"

→ Exposição, explicação e aplicação do conteúdo:

- Há fatores pragmáticos que monitoram o conteúdo da nossa fala de acordo com os contextos:

- Intencionalidade;
- Formalidade;
- Aceitabilidade;
- Situacionalidade;
- Temporalidade;

- Com base no conteúdo apresentado, propor uma atividade de exposição oral que depois deverá ser transcrita e entregue à professora sob a forma escrita.

• Em três, os alunos irão escolher uma situação e apresentar para turma, adequando a linguagem aos contextos.

1) Apresentação de Jornal de TV, no século XX, para o povo sobre o Golpe Militar.

2) Defesa Jurídica (oral) em tribunal atual para o juiz sobre o Golpe Político

• Avaliar as atividades e concluir a aula dizendo que as simulações apresentadas não precisam ser fiéis, mas serviram para ilustrar o conteúdo da aula acerca da Oralidade e Escrita.



Questão n° 2 - "Currículo e Diversidade cultural"

É notório que o currículo escolar abrange o planejamento e as experiências vividas pelo aluno em uma escola. Segundo o especialista em educação, Piletti (1991), a escola tem passado por um processo de transformações em toda a estrutura curricular e metodológica decorrente de avanços tecnológicos que acontecem no campo científico e político-social. Neste sentido, é importante reconhecer que o currículo tem a tarefa multidisciplinar (LUCKESI, 2006, p.112) de organizar as relações lógicas e psicológicas dentro de um ou mais campos de conhecimento, favorecendo ao máximo o processo de ensino aprendizagem.

Nessa perspectiva, convém ressaltar que a cultura escolar deve ter um sentido a mais do que ser simplesmente uma discussão de conteúdos na elaboração do currículo escolar, pois é preciso tratar de todas as práticas cotidianas vivenciadas em sala de aula. De acordo com as teorias piagetianas, esse aluno é agente, no dia-a-dia da escola a medida que se distancia da visão estereotipada de que o aluno é uma "tábua rasa". São os conhecimentos estudantis que mobilizam as vivências escolares, por esse motivo é correto afirmar que o educando realiza sob a orientação da escola os fins da educação. Logo, a cultura escolar se torna através daquilo que os alunos aprendem ou deixam de aprender nas interações cotidianas, por isso essa cultura precisa ser diferente do modelo dominante.

Admitir-se um padrão cultural imposto pela sociedade e "fechar-se" a variedade multicultural brasileira é negar a individualidade existente na escola. Cada aluno é único e traz consigo costumes e valores específicos, por isso a escola precisa no âmbito cultural levar em consideração essa diversidade, enquanto que



O currículo documentado cabe o papel de refletir os

objetivos e planos que se pensam formular para determinado período. Nesse tocante, deve-se ter cuidado com os materiais pedagógicos utilizados em sala de aula a fim de se evitar a propagação de conceitos etnocêntricos e desvalorizadores de experiências culturais de outros grupos. Dessa forma, será possível unir currículo e diversidade cultural no âmbito escolar.

Sob este prisma, a escola se torna capaz de ressaltar a força do currículo extra-escolar que servirá para que os educadores exerçam o papel de mediadores ao fazerem com que a perspectiva multicultural seja retratada a partir de abordagens mais amplas que as do currículo escolar. Como já dizia Emília Ferreiro "aprender é um processo de transformação relativamente permanente do comportamento humano", logo, quanto mais informações sobre cultura a escola puder passar mais reflexões sociais irão aparecer no sentido de diminuir os preconceitos e a ignorância que regem a sociedade, fazendo imperar a cultura burguesa em discriminação da cultura popular.

Por esse motivo, a escola precisa ser o espaço da reflexão e do debate em torno da diversidade cultural. Embora seja correto dizer que a diversidade cultural está presente em vários espaços da sociedade brasileira, não se pode negar que o principal espaço é a escola, pois afluem com mais intensidade as diferenças sociais e culturais que são produzidas pelas representações sociais dos docentes e discentes. Assim, tais questões precisam ser tratadas com o devido respaldo pedagógico no currículo escolar, uma vez que este se "esquiva" em não abordar as problematizações das diferenças sociais e culturais.

Dessa maneira, vale destacar a crítica ao currículo



que se limita a apenas ater-se aos aspectos econômicos e políticos que estão voltados para uma cultura burguesa, ou seja, vinculados à produção de conhecimentos cristalizantes da ~~exclasse~~ classe dominante, negando a diversidade social e racial de valores culturais. A ignorância dos fatos corrobora para a ampliação do preconceito seja contra religiões de matrizes africanas seja contra danças e comidas típicas do sertanejo. A herança folclórica de um país multicultural se perde na privação de informações a respeito nos currículos escolares. De esta forma, os interesses da burguesia levam as escolas a uma "onda" de valorização do estrangeiro em detrimento da cultura nacional.

Portanto, em pleno século XXI, é inegável que valores e práticas sociais estejam no contexto educacional. Com base nos Parâmetros Curriculares nacionais, a escola deve discutir e refletir sobre as culturas indígenas, as culturas africanas e afro-brasileiras, entretanto, na prática se nota que essa ampla discussão sobre diversidade cultural proposta pelos PCNs fica muito restrita, no currículo tradicional escolar e conservador. Por tudo isso, torna-se imprescindível que a sociedade em geral, reflita e debata acerca da diversidade cultural e do currículo escolar. Só assim será possível revitalizar a identidade, as relações étnico-raciais, a autoimagem e a autoestima de um país multicultural como é o Brasil. Dessa forma, a escola possibilita o comércio saudável, o respeito mútuo, a solidariedade e a cultura de paz em um território de relações de poderes e de representações sociais, garantindo o prestígio social e histórico daqueles que outrora foram excluídos dos currículos escolares que se negaram a aceitar a diversidade cultural vigente no país e no mundo.



Questão 3 - "O papel do professor"

Diante do tema "Currículo e diversidade cultural: oralidade e escrita", é correto afirmar que, o professor de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação tem um papel fundamental em relação aos licenciandos em Letras que acompanham a sua aula, pois, além de ser modelo de postura docente, esse professor deve demonstrar o domínio do conteúdo em relação a este tema, isto é, no que tange à oralidade e à escrita, o objetivo da aula não será ensinar o aluno a falar, mas preparar o aluno para ser capaz de identificar a imensa riqueza da língua na variedade de usos. Dessa forma, o licenciando precisa perceber a postura ativa do aluno do Colégio de Aplicação que não apenas recebe o conteúdo da aula, mas desenvolve a competência comunicativa em diferentes situações de usos a partir da aula de seu professor de português.

Há um modo geral, esse professor do CAP tem a responsabilidade de ser exemplo de uma boa aula para os licenciandos. Além disso, o docente tem o papel de conscientizar os futuros professores de que a aula sobre Oralidade e Escrita terá o objetivo de mostrar aos discentes a grande variedade de usos da fala, trabalhando os diferentes níveis das duas modalidades, tornando usos falantes da Língua Portuguesa "políglotas dentro da própria língua" (BECHARA, 1985). Essa aula ensina que aprender sobre a língua falada significa ampliar o leque de atenção, dando-lhes consciência de que a língua não é homogênea, nem monolítica. Sob essa perspectiva, o licenciando reconhecerá como as teorias aprendidas no âmbito acadêmico lhes dão uma base para aulas com mais propriedade e domínio de conteúdo. É a vivência em sala de aula que dará ao licenciando a habilidade de lidar com várias situações em sala de aula.

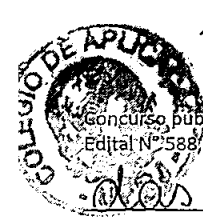


A autonomia do formando em Letras como professor

vai sendo adquirida a partir das suas experiências durante o estágio pedagógico desde o acompanhamento e observação do docente do CAP até a sua própria regência. Portanto, esse docente precisa estar preparado para fornecer ao licenciando ferramentas necessárias à prática de ensino em sala de aula, isto é, contribuir com a própria aula para o entendimento do licenciando do que é, de fato, uma aula planejada, com estratégias didáticas, seleção e organização de conteúdo, planejamento e avaliação, além de domínio de conteúdo para esclarecer, dividir e orientar de forma clara os exercícios.

O graduando do curso de Licenciatura, que encontra no professor do estágio de aplicação a referência prática dos conteúdos obtidos em sua formação, percebe de que ser professor não é usar o livro didático como "molleta". Embora o material didático atualmente não indique a fala como lugar do erro, ele ainda se limita a tratar a fala como encenação da escrita, e isso é um desafio a ser superado em sala de aula. O licenciando precisa perceber que quem dá aula é o professor não o livro, este é apenas um instrumento de seu trabalho. Logo, o conteúdo da aula não deve se limitar ao que está no livro, é preciso ir além, mas o licenciando só vai entender efetivamente isso na prática, sob orientação do professor do CAP, que além de mostrar como deve fazer, vai propor atividades de participação, orientar o planejamento da regência, indicar leituras pertinentes e mostrar que o estágio não é apenas de observação, mas de prática docente.

Logo, cabe ao docente do CAP mostrar que tratar de "currículo e diversidade cultural: oralidade e escrita" é trabalhar com o preconceito linguístico e com a inclusão



das minorias em sala de aula, reforçando que a variedade linguística garante a mobilidade em diferentes situações comunicativas, ampliando o universo linguístico e cultural dos estudantes.

É preciso que o licenciando, por meio das aulas que acompanha no CAP, seja capaz de reconhecer que a língua falada e a escrita embora tenha o mesmo sistema linguístico para construção de frases, suas regras de efetivação bem como os meios em que são empregadas são diversos e específicos e que acaba por evidenciar produções diferenciadas (MAREWICHI, 1986:62). Dessa forma, na sua prática ele orientam licenciando a ser orientado a aplicar essa teoria da aula em duas esferas: no seu relatório final e plano de aula, percebendo como a escrita sobre a regência se diferencia em termos de linguagem da sua fala na regência; e no trabalho com as produções textuais dos alunos, verificando como o texto escrito é mais complexo e abstrato em relação às falas simples e concretas na sala de aula.

Dessa forma, o papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação na formação dos licenciandos em Letras é de unir a teoria acadêmica com a prática da sala de aula, mostrando como o currículo e a diversidade cultural são constantes no ambiente escolar, principalmente, quando se debate e se reflete sobre a oralidade e a escrita sob o âmbito do discurso, da gramática, da norma, do erro, do adequado, do comunicativo, da variação e da exotização como forma de ascensão social. Uma visão da escola sobre a ciência debatida nos meios acadêmicos.